

Fitoterapia na clínica de pequenos animais: Um futuro promissor

Para abordar o tema Fitoterapia é apropriado que se fale das plantas medicinais e de todo o potencial farmacêutico agregado a elas. Muitos fármacos da atualidade são derivados, direta ou indiretamente, de substâncias produzidas por plantas. O enunciado oficial da OMS, Organização Mundial da Saúde, faz a seguinte afirmação sobre as plantas medicinais: “É aquela que administrada ao homem ou aos animais, por qualquer via ou sob qualquer forma, exerce alguma espécie de ação farmacológica”. Estas podem ser classificadas como destinadas à: 1. Obtenção de substâncias puras; 2. Produção de fitoterápicos; 3. Utilização na medicina caseira.

Um indício do renascimento de fármacos derivados de fontes vegetais é a grande quantidade e o progresso da pesquisa clínica, na área humana, especificamente no campo dos agentes anticancerígenos, bem como dos antimaláricos.

Podemos citar alguns exemplos que comprovam a potencialidade de fármacos derivados de fontes vegetais: a aspirina, a codeína, a digitoxina e o eugenol. Outro exemplo é o psolarem, uma cumarina isolada de *Podophyllum peltatum* que tem emprego no tratamento do vitiligo, uma doença que até pouco tempo atrás não tinha cura (KINGHORN E BALADRIN, 993; KINGHORN, 996).

A descoberta de fármacos de fonte vegetal mais significativa, até então, tem origem nos alcaloides da vinca, a vincristina e a vinblastina. A vincristina é utilizada no tratamento de câncer de pele e a vinblastina é utilizada nos casos de câncer de mama, testículos, pele e linfoma. O alcaloide da vinca chega a custar cerca de U\$ 20.00/g, mostrando inclusive que as plantas medicinais são uma extensa e preciosa riqueza em um país, podendo gerar quantias consideráveis em exportação de princípios ativos ou fármacos patenteados. Cerca de 60% dos agentes antitumorais e anti-infecciosos comercializados atualmente ou que estão em fase clínica final são derivados de produtos naturais.

Mendelson e Balick partiram de dados disponíveis sobre o desenvolvimento de novos fármacos e produziram um trabalho fantástico, no qual estimaram a existência de 375 novos fármacos ainda não descobertos nas florestas tropicais.

No Brasil, o uso de medicamentos fitoterápi-

cos na medicina veterinária ainda é muito incipiente devido a não divulgação das pesquisas clínicas, da diversidade de espécies com as quais o médico veterinário lida e com o preconceito de que as plantas medicinais são somente utilizadas no preparo de chás para o uso caseiro advindos da medicina popular humana. Outro paradigma a ser quebrado é que a fitoterapia é homeopatia, que demora a fazer efeito e que intoxica. A fitoterapia é um ramo da alopatia, difere totalmente da medicina homeopática e as plantas medicinais têm princípios ativos inovadores e cuja pesquisa demonstra a efetividade, bem como a toxicidade quando existir, de forma clara.

Assim como os seres humanos, os animais também respondem bem ao tratamento com fitoterápicos. Basta que o profissional esteja habilitado a trabalhar com plantas medicinais através do conhecimento mais específico das plantas, tanto sobre a ação dos princípios ativos quanto da sua toxicidade. Atualmente, a fitoterapia veterinária tem os mesmos parâmetros de controle dos medicamentos fitoterápicos registrados pela ANVISA para o uso humano. Com isso, através de ferramentas de controle de qualidade, doseamento dos marcadores ativos e a aplicação das Boas Práticas de Fabricação Veterinária, a indústria farmacêutica veterinária tem condições de produzir fármacos fitoterápicos com a mesma qualidade. Utilizando-se de técnicas modernas como a da cromatografia por HPLC com massa acoplada, se estabelece o efeito terapêutico desejado de forma quali-quantitativa para cada planta, sabendo-se assim qual a atividade farmacológica que os ativos ou grupo de ativos presentes na mesma possuem.

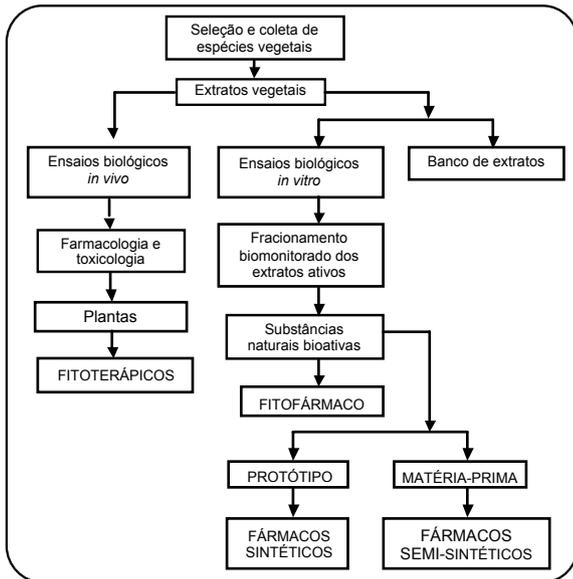


Figura 1. Atividades da pesquisa farmacêutica visando ao desenvolvimento de novos fármacos e/ou fitoterápicos.

Atualmente na medicina veterinária, os pequenos animais estão sendo submetidos cada vez mais ao estresse da vida moderna e estão sob a influência direta dos problemas que acometem seus proprietários. Isso tem levado um alto número de animais a adoecerem de forma cada vez mais agressiva e fatal, além das patologias características de cada espécie tornarem-se semelhantes ao curso das doenças dos seus donos.

Tudo isso se alia ao fato de que a administração de medicação de forma abusiva ou muitas vezes sem diagnóstico preciso tem levado esses animais a desenvolverem patologias secundárias, às vezes tão ou mais graves do que aquela que iniciou o processo do adoecimento.

O uso e o tratamento através das plantas medicinais têm baixo efeito colateral, pois quando se administra um fármaco obtido a partir de uma planta medicinal ou de um complexo de plantas medicinais, o (s) grupo (s) de princípios ativos que estão em equilíbrio natural nestas plantas vai proporcionar uma cura eficaz, mas de forma mais suave. Como exemplo, temos o uso de fitoterápico anti-inflamatório que pode manter animais com problemas osteo-articulares, displasias e no pós-cirúrgico por muito tempo levando uma vida com melhor qualidade, sem dor e sem consequências para o sistema gastrointestinal, renal e hepático. Animais estressados, nervosos e com problemas de comportamento podem ser tratados por longos períodos com complexo fitoterápico calmante que não os deixará sonolentos, embotados,

com alteração da personalidade e até dependentes. Há ainda a possibilidade de tratamento das alterações renais ou da manutenção de patologias renais já instaladas com plantas medicinais proporcionando melhora nos parâmetros renais, disposição, apetite e ganho de peso. Outro grande problema na clínica de pequenos animais são as patologias de pele que envolve longos períodos de tratamento com drogas imunossupressoras e que nem sempre proporcionam o resultado duradouro e a cura propriamente dita. Nestes casos, o uso de fitoterápicos tópicos na forma de extratos vegetais associados a óleos essenciais trazem benefícios imediatos, já que atuam em vários níveis na epiderme. O mais importante é que os mesmos propiciam condições para que a pele possa agir como o grande órgão exonerativo que ela é, e não tão só suprimindo-a. A grande vantagem do uso de medicamentos fitoterápicos na medicina veterinária é a possibilidade do emprego de novas substâncias ativas com as quais os patógenos não têm ou não tiveram contato, evitando assim a temida resistência aos fármacos. Cabe também citar que as modernas técnicas de produção de um medicamento fitoterápico veterinário estão associadas a todas as etapas do desenvolvimento de um produto: estabilidade, eficácia e segurança que garantem um resultado clínico constante, eficaz e confiável.

Nos últimos anos, se observa entre os profissionais veterinários que há um mercado crescente para o uso de fitoterápicos, pois os clientes vão cada vez mais e em maior número às clínicas solicitando protocolos de tratamentos mais suaves e sem tantos efeitos colaterais para seus animais, também porque já usam fitoterápicos para si ou para sua família.

O importante é salientar que a medicina veterinária é uma profissão que já alia na prática diária diferentes técnicas e que um profissional de saúde deve ser, antes de tudo, um observador livre de preconceito. É fundamental que o veterinário possa utilizar essas terapêuticas de forma conscienciosa e científica, trazendo benefícios e resultados reais aos seus pacientes e satisfação total aos seus clientes.

Referências

1. ALONSO, JORGE. R. Tratado de Fitomedicina - Bases Clínicas e Farmacológicas. Buenos Aires, Ed. ISIS, 1998.
2. Chevalier A.: The Encyclopedia of Medicinal Plants. A Dorling Kindesley. London.1996.
3. Coussio J.; Rondina R.; Ferraro G.;Martino V. e Bandoni A.: Farmacognosia. Guia Teórica. CEFYB. 1996.
4. Miguel D., Marilis; Miguel G. Obdulio, Desenvolvimento de Fitoterápicos. São Paulo, Ed.Robe, 2000.
5. Newall A.,Carol ET AL. Plantas Medicinaiis – Guia para Profissionais de Saúde. São Paulo, Ed. Premier, 2002.
6. Viana Leite, J.P. Fitoterapia – Bases Científicas e Tecnológicas. São Paulo, Ed. Atheneu. p. 47-115, 2009.